

INÍCIO MARCADO COM SANGUE: IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA NA PARAÍBA DURANTE A DÉCADA DE 1940

Daniel da Silva Firino¹
Daiane Lins da Silva Firino²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar, através de uma perspectiva dos estudos culturais, o processo de implantação e desenvolvimento das escolas adventistas no estado da Paraíba durante a década de 1940. Foram utilizados os conceitos de identidade e diferença de Tomaz Tadeu da Silva e representação de Roger Chartier. As fontes são os relatórios que os líderes da igreja enviavam a Revista Adventista, pois muitos deles citam de forma direta ou indireta as escolas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu nos Estados Unidos ainda na primeira metade do século 19. O primeiro Pastor Adventista no Brasil foi Westphal que realizou o primeiro batismo em 1895, desse momento em diante iniciou-se a expansão do adventismo no Brasil, sendo a criação de escolas denominacionais uma das principais estratégias. A primeira escola adventista que se chamava “Escola Internacional” foi criada em 1896 em Curitiba por Guilherme Stein. As escolas adventistas tinham como objetivo principal a conservação da juventude na igreja e a preparação de obreiros, e como objetivo secundário atrair o público de fora da instituição para conhecer a mensagem adventista. Já na Paraíba, o adventismo instalou-se em 1906 na então vila de Pirpirituba. Depois disso, a instituição espalhou-se por várias cidades e vilas e implantou duas escolas primárias, uma em Baixa Verde e outra em João Pessoa. A Primeira foi criada em 1940 e chegou a funcionar de dia e de noite e a segunda foi inaugurada em 1941.

Palavras-chave: Educação confessional, Adventismo, Protestantismo.

INTRODUÇÃO

O trabalho encontra-se dentro de uma perspectiva dos estudos culturais utilizando-se do conceito de identidade e diferença de Tomaz Tadeu Silva e de representações de Roger Chartier. Esses conceitos são importantes devido a natureza do objeto de estudo, pois as escolas confessionais, neste caso escolas adventistas, são locais de difusão e de disseminação de sistemas de representações ligadas à identidades religiosas que buscam legitimar-se e “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (SILVA, 2000, p. 8).

Segundo Silva (2000), é “por meio da representação que por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir” (p. 91), pois a “identidade e a diferença estão extremamente

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal - PB, danielfirino@hotmail.com;

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal - PB, daianefirino@gmail.com;

associadas a sistemas de representação” (Ibidem, p. 89). Quanto ao conceito de representação, Chartier escreve o seguinte:

Mais do que um conceito de mentalidades, ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social; em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que irão fazer reconhecer uma identidade social exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa, simbolicamente, em estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou comunidade. (2002a, p. 23)

Através das representações, os grupos sociais afirmam suas identidades marcando as diferenças e demarcando fronteiras. A diferença é então estabelecida pela marginalização do outro e atribuindo a si mesmo os atributos positivos e aos demais os negativos, conforme Silva (2000). Desta forma, ocorre uma normalização, ou seja, uma hierarquização da sociedade onde determinados grupos colocam-se como padrão para os demais ocasionando o que Chartier (2002b) chama de lutas de representações. As lutas de representações “dedicam a atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 2002b, p. 73).

Dessa forma, este trabalho justifica-se diante da tímida produção científica sobre a história da educação confessional na Paraíba, principalmente protestante. Ademais, pouco se sabe da história da educação dessa instituição nesse estado, a qual, atualmente, possui cerca de 458 unidades em todo o Brasil e duas escolas na Paraíba sendo uma em João Pessoa e outra em Campina Grande.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar o processo de implantação e desenvolvimento da educação adventista na Paraíba, durante a década de 1940, e, como objetivos específicos, a identificação dos possíveis impactos da educação adventista na Paraíba a partir de sua implantação na então vila de Queimadas e a investigação das dificuldades de seu desenvolvimento, bem como o seu resultado.

A igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) surgiu nos Estados Unidos ainda no final da primeira metade do século XIX. Ela só foi oficializada na década de 1860, sendo que somente na década de 1870 ela começou a enviar missionários e literatura para várias partes do mundo. Ainda no final do século XIX, surgem as primeiras igrejas adventistas no Brasil e ela se desenvolve, inicialmente, através das comunidades alemãs no Sul do país.

Como grande parte do protestantismo de missão³, os missionários e outros representantes adventistas eram americanos e alemães. Inicialmente, procuraram se expandir através das comunidades de imigrantes⁴ cujas origens eram de países protestantes para depois partirem ao restante do Brasil. Aos poucos, a igreja brasileira foi ficando independente, financeiramente, da norte-americana e buscou construir uma identidade adventista brasileira, mas só a partir da década de 1940 que isso se torna mais visível, segundo Greenleaf (2011).

A educação adventista inicia-se no Brasil em 1896 e

(...) como na maior parte das terras em que missionários atuaram, os membros sul americanos usaram as escolas como meio de alcançar o público, mas tinham maior tendência de considerar que a vantagem da educação era a conservação da juventude na igreja⁵ e preparação de obreiros. A escola adventista em Curitiba, no sul do estado do Paraná, começou a oferecer o ensino primário em 1896. Guilherme Stein e sua esposa, Maria, eram os professores. Os alunos se reuniam seis vezes por semana, começando na segunda-feira. O sexto dia de aulas, o sábado, era dedicado exclusivamente a aulas de religião, para os quais os alunos levavam os pais. (GREENLEAF, 2011, p.56).

O nome da escola era “Escola Internacional” porque as aulas eram em português e alemão e na fachada também tinha uma placa que dizia que “Tudo será ensinado por Deus”. As matrículas começaram em 1º de julho de 1896 e em fevereiro de 1897 já possuía cerca de 100 alunos. A partir de então, várias outras escolas foram fundadas no território brasileiro, e “por volta de 1901, os brasileiros contavam com cinco escolas: uma “secular”, ou seja, planejada para os alunos não adventistas, e quatro escolas confessionais” (GREENLEAF, 2011, p.57).

Além das escolas primárias, a IASD também tentou implantar escolas de treinamento. Um exemplo disso foi a escola de Brusque que tinha o objetivo de preparar pessoas para trabalhar como missionário, pois havia um certo receio que os missionários estrangeiros não conseguisse se adaptar nas terras brasileiras. Ademais, a evangelização feita pelos próprios brasileiros diminuiria as barreiras culturais. Porém, tanto a escola de Curitiba quanto a Brusque tiveram vida curta, elas fecharam poucos anos após serem inauguradas.

³ Classifica-se como protestantismo de missão as igrejas que enviaram missionários para terras estrangeiras. Utiliza-se esse termo em contraposição ao protestantismo de imigração no qual as religiões se instalavam no país através das correntes imigratórias e não tinha objetivo de converter, mas apenas de praticar a fé entre os já convertidos.

⁴ Dessa forma, os missionários procuravam evangelizar grupos que possuíam identidades próximas as deles para que assim houvesse uma quantidade menor de dificuldades para uma possível conversão.

⁵ Um dos principais pontos a serem trabalhados nas escolas adventistas era a preservação da sua identidade aos filhos dos membros, pois acreditava-se que caso as crianças estudassem nas escolas não adventistas elas poderiam ser influenciadas pela “má educação” e se perder. Tais representações sobre a educação não adventista era comum nos livros e revistas sobre educação.

Mesmo diante desse, aparentemente, fracasso os relatórios oficiais de 1920 listam “14 instituições de ensino na América do Sul, excluindo as subestações indígenas no Peru. Embora, a Escola de Treinamento Argentina já funcionasse há anos, somente três congregações no país ofereciam educação fundamental. As outras 11 se localizavam no Brasil” (GREENLEAF, 2011, p. 267).

Talvez a maior dificuldade que as escolas adventistas tinham era a financeira. Poucos recursos eram dirigidos, diretamente, para as escolas e como havia vários projetos missionários, os líderes, normalmente, preferiam investir no que dava resultados mais rápidos e expressivos. Isso forçava os membros locais a custear as próprias escolas o que levou ao desenvolvimento lento da educação adventista em todo o país e, principalmente, nos lugares mais pobres.

O início da educação adventista no Brasil gerou

(...) resultados divergentes. Os sucessos mais notáveis ocorreram nas regiões em que o nível de alfabetização já era relativamente bom. Em contrapartida, entre grupos pouco alfabetizados, a educação adventista conquistou muito pouco a princípio. A igreja também fez a experiência de usar as escolas como ferramentas evangelísticas, mas essa prática sempre levou o questionamento quanto a deverem as salas de aula ser um “refúgio” para as crianças adventistas ou extensão dos auditórios nos quais se realizavam evangelismo público. Alguns se perguntavam se a escola poderia ou deveria combinar as duas ideias. Os adventistas também debatiam se o maior investimento deveria ser direcionado às instituições para treinar adultos que participavam da obra da igreja, ou às escolas primárias destinadas à crianças (GREENLEAF, 2011, p. 62).

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através da pesquisa bibliográfica e documental. Na pesquisa bibliográfica buscamos trabalhos escritos sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e seu sistema educacional a nível nacional e internacional. Já na pesquisa documental, investigamos o acervo da Revista Adventista (RA), que possui vários relatos de pastores que trabalharam na Paraíba durante o período estudado.

DESENVOLVIMENTO

ESCOLA DE BAIXA VERDE: INICIO MARCADO COM SANGUE

Segundo Garcia (1940), o sítio Baixa Verde ficava a três léguas de distância da vila de Queimadas. O grupo de adventistas dessa localidade existia desde 1938 quando um membro

(...) se estabeleceu numa fazenda-sítio a uns seis quilômetros de Queimadas, na Paraíba, e começou logo a falar com seus vizinhos a respeito da verdade. Apareceram, depois, alguns colportores⁶ vendendo Patriarcas e Profetas e O Raiar de um Novo Dia. Bom número de pessoas se interessou. Uma escola sabatina foi organizada e, tempos depois, mais outra. Foi adquirido um prédio e estabelecida uma igreja (OLSON, 1940, p.12).

O grupo cresceu e surgiu o interesse de estabelecer uma escola primária para os filhos dos membros. Então, em 21 de fevereiro de 1940, Geronimo G. Garcia⁷ entrou em contato com Moyses S. Nigri⁸ para se encontrarem no dia 23 fevereiro em Campina Grande para no dia seguinte irem a Baixa Verde fazer uma visita pastoral e fundar a primeira escola primária adventista na Paraíba. No dia marcado, eles se encontraram e foram à casa de Jacó Kroeker⁹ onde souberam que o Padre Oscar Cavalcanti tinha agredido um interessado pela mensagem adventista e prometido que acabaria com o prédio que era realizado o culto.

No mesmo dia, foram falar com o delegado Cezariano de Campina Grande que entregou para eles um cartão que deveria ser repassado para o subtenente Luiz da vila de Queimadas. No dia seguinte, sábado 24 de fevereiro, foram cedo pela manhã falar com o subtenente que lhes garantiu a liberdade de culto e disse que nada aconteceria com o prédio. Ao saírem da delegacia e atravessarem a rua perceberam que estavam sendo realizadas as Santas Missões¹⁰ na Igreja Católica de Queimadas.

Quando passaram pela frente da igreja, o padre Oscar Cavalcanti e o frei Cipriano incitaram a multidão a gritar e a xingar. Conforme Nigri, eles “aproveitaram o ensejo para descarregarem sobre nós toda a sua ira contra os evangélicos. Aos sons de ‘bode¹¹, bode!’, ‘abaixo os nova seita’, ‘mée, mée” (1960, p 26), saíram o mais rápido que puderam e se dirigiram para Baixa Verde, contudo no caminho encontraram algumas frases que diziam “Deus nos livre dos Nova seita”, “abaixo novas-seitas” e “morram os protestantes.

Ao chegarem a Baixa Verde, ouviram que os católicos “iriam arrazar o prédio [...], colocar o professor num tonel de azeite fervendo, matar, perseguir, etc” (NIGRI, 1960, p. 26).

⁶ Os colportores são missionários de sustento próprio. Eles se mantinham através da venda de literatura publicada pela própria igreja.

⁷ Presidente da Missão Nordeste que era responsável pelo desenvolvimento da igreja adventista em alguns estados no nordeste brasileiro.

⁸ Pastor responsável por todas as igrejas da Paraíba

⁹ Líder da congregação local

¹⁰ As santas missões foi um movimento de criado pela Igreja Católica que tinha como objetivo padronizar as igrejas brasileiras conforme as diretrizes oficiais. Além disso, elas serviam para fortalecer a identidade católica e combater os protestantes que se expandia rapidamente pelo país.

¹¹ No imaginário católico da época, os bodes representavam o demônio e seus seguidores. Como os protestantes eram considerados seguidores do diabo por enfraquecerem a santa igreja católica, eles eram representados como bodes.

Mesmo assim, iniciaram o culto. Nigri ficou responsável pela escola sabatina¹² e enquanto cantavam o primeiro hino um grupo de cerca de 300 pessoas cercaram o local

(...) gritando, cantando também a Virgem Maria, levantando ameaçadoramente seus paus e folhas de palmeiras. Ao mesmo tempo as pedras começaram a ser jogadas no nosso telhado, quebrando as telhas, que caíam em pedaços dentro do salão, ameaçando a vida das crianças e adultos ali dentro (NIGRI, 1964a, p. 17).

Além disso,

De mistura com gritos vinha toda sorte de nomes e ofensas, como sejam: Bodes! novas seitas! diabos! crentes safados! coisa ruim! e outros termos criados pela credence fanática dos agressores [...] Houve homens e mulheres que gritaram a ponto de ficar roucos; outros, de raiva, rasgaram as roupas, com vontade de nos agredir; outros ainda, choravam de ódio, e alguns desmaiavam de cólera (GARCIA, 1940, p. 10).

Após algumas horas de agressões, Nigri conseguiu sair para falar com o subdelegado, mas ele não se encontrava e a pessoa que estava lá disse que não poderia ajudar. Ele voltou e contou a Garcia o corrido que tentou entrar em acordo com os líderes da multidão. Ao passar mais algumas horas de agressão ele conseguiu entrar em acordo. Os crentes deveriam sair do prédio sem as bíblias¹³ e passar pela multidão para chegar à casa de um membro que ficava do outro lado da rua.

Tudo estava indo bem, todos crentes já haviam saído e faltava apenas Nigri. Sobre a sua saída do prédio, ele escreveu:

O último a sair seria eu, que também tinha minha querida Bíblia e um livro de esboços comigo. A Bíblia era a que me acompanhava desde o meu batismo, talvez antes, e o livro de esboços foi um presente do irmão Landon no dia de minha graduação no Curso Teológico. Estava cheio de esboços. Vi todas aquelas Bíblias e Hinários no caixote. Pensei: "Será que vão devolver mesmo? Não irão destruir estas Bíblias e estes Hinários na sua fúria? Eu não posso perder esta minha Bíblia nem este livro de esboços. Aconteça o que acontecer, não me separarei deles (1964b, p.22).

Os momentos que se seguiram foram descritos da seguinte forma:

Quando estava no meio da rua, uma velha gritou: 'Olha a Bíblia dele!' Antes que eu me apercebesse um grupo delas avançou para mim, agarrando-me para me tirarem a Bíblia. Só tive tempo de colocar meus livros entre as pernas, agachar-me para impedir que me tirassem a Bíblia. Aquelas unhas afiadas e sujas passaram pelo meu rosto, arranhando-me profundamente e quase me arrancaram o paletó e os cabelos! (NIGRI, 1960, p. 26).

¹² A escola sabatina é grupo de estudo da bíblia no qual são repassadas as crenças que fazem parte da identidade adventista. Ela é sempre realizada antes do culto nos sábados.

¹³ As bíblias protestantes eram consideradas adulteradas pelos católicos e portanto deveria ser destruídas.

Alguns católicos que moravam na fazenda, e que não haviam participado do ataque socorreram Nigri. O seu rosto estava ensanguentado e todos puderam ver as consequências das agressões. A multidão dispersou-se e os crentes puderam continuar o culto na casa de um dos seus membros. Todos conseguiram suas bíblias e seus hinários de volta, porém algumas pessoas entraram no prédio e destruíram tudo o que estava dentro.

Um dia após o termino das santas missões, os pastores junto com o professor da escola primária, Joel Florêncio, foram ao delegado de Campina Grande que prometeu que não ocorreria outro ataque. Os membros continuaram reunindo-se no mesmo lugar e a escola primária foi fundada ainda 1940. Após alguns anos, Nigri descobriu que uma das pessoas que estava liderando o ataque, e que rasgou a própria roupa de raiva, era diretora do grupo escolar de Queimadas, possivelmente, sua atitude era no sentido de impedir a fundação da escola adventista.

Em 1941, a escola adventista de Baixa-Verde estava funcionando em dois turnos, o diurno e o noturno, contudo ela passava por dificuldades. Nigri descreve a situação da escola da seguinte forma:

Há pouco estive visitando a escola de Baixa-Verde, na Paraíba do Norte. Algumas dificuldades surgiram. Fechar-se-ia a escola? Deveria o professor se retirar? Não! disseram os irmãos dali. Uniram-se, ajudaram um pouco mais as duas escolas, diurna e noturna, e elas continuam a fazer a sua boa obra. Boa sim, porque algumas crianças católicas estão-se interessando a tal ponto que já foram matriculadas na escola sabatina; os pais estão contentes e desejam mesmo que seus filhos estudem a Bíblia; encontrei mais um pai interessado na Verdade, cujos filhos estão na escola; antes, não frequentava nossos cultos. O trabalho e presença do professor têm dado um bom impulso à igreja, em geral (1941b, p. 14).

Mesmo diante das dificuldades, ela era mantida pelos membros devido a seu caráter missionário. Segundo Andrade (1995), Sildolfo Barbosa de Andrade foi um dos membros que contribuíram para a manutenção da escola primária. Ele sozinho pagou o salário do professor e cedeu o local para o funcionamento da escola, que era o mesmo prédio onde eram realizados os cultos, com o intuito de que seus filhos e os dos vizinhos estudassem nela. A escola cresceu e durante a década de 1940, de acordo em Nigri (1960), chegou a ter 120 alunos.

4.3 A ESCOLA ADVENTISTA DE JOÃO PESSOA

O primeiro relato, encontrado na Revista Adventista, que mostra a presença adventista na capital paraibana é de 1930 e diz que havia “apenas uma irmã adventista na capital da Parahyba” (STORCH , 1940, p10). O próximo relato é de 1937 cujo assunto são as conferências realizadas por José R. dos Passos. Passos escreveu que “há muito se fazia sentir a necessidade de estabelecer a obra de Deus na bela capital do próspero Estado da Parahyba do Norte” (PASSOS, 1937, p. 8).

De acordo com o mesmo, na capital não havia nenhum grupo e nenhum adventista. Contudo, designou-se tanto ele quanto o obreiro Cleobulo Carvalho¹⁴ para iniciarem os trabalhos em João Pessoa. Ao chegarem à cidade, encontraram os colportores Severino Pereira e Nilo Gomes que os auxiliaram na conferência¹⁵.

As conferências foram divulgadas nos jornais e boletins locais e iniciaram no dia 16 maio de 1937. Era período de chuva e o auditório nunca estava completamente cheio. As músicas eram responsabilidade da professora Yolanda, esposa de C. Carvalho e as palestras de saúde eram da enfermeira e parteira Adelina Passos. Durante as conferências foram distribuídas literatura adventista tanto no auditório quanto nas casas e pelos correios.

Mesmo com a oposição dos pastores das outras igrejas protestantes que os chamavam hereges e de hóspedes indesejáveis, conseguiram dar estudos bíblicos a 25 pessoas, dos quais “seis começaram a guardar o sábado” (PASSOS, 1937, p. 8) e outras estavam se preparando para fazê-lo. Também, em outro salão, iniciaram uma escola sabatina¹⁶ com 21 alunos e uma nova série de conferência.

Durante um ano e três meses de trabalho, Passos realizou três conferências, batizou dezoito pessoas e abriu duas escolas sabbatinas: uma na capital, com trinta e dois membros, e outra em Gravatá, com dezenove membros. Também abriu uma classe batismal em João Pessoa, com 20 membros, “entre os quais se acham pessoas distintas e da alta sociedade” (PASSOS, 1938, p. 14). Dentre elas, estava Dr. Gorgônio da Nóbrega que auxiliou na compra do terreno para a construção da igreja na capital (NIGRI, 1939a, p. 10).

¹⁴ Ele também realizaria as primeiras conferências em Campina Grande em 1940

¹⁵ As conferências eram séries de palestras que tratavam de saúde, alimentação e das doutrinas da igreja adventista.

¹⁶ [Associação Internacional da Escola Sabatina] originou-se por iniciativa de James White, que anunciou pela Review a revista mensal Youth's Instructor, editada a partir de 1952. Em Rochester e Bridge, Nova York, surgiram dois grupos de pessoas que se dispuseram a estudar as lições bíblicas da revista, as Escolas Sábatinas, mais tarde incorporadas ao ritual da igreja. Após a escola-modelo de Battle Creek ter surgido, um de seus dirigentes sugeriu a criação de uma associação que englobasse as Escolas Sábatinas em cada Estado, com objetivo de consultas mútuas; sugestão levada a efeito na Califórnia e em Michigan, após o que, o plano generalizou-se. Essas associações estaduais vieram a formar a Associação Internacional das Escolas Sábatinas, que chegaram a financiar, diretamente, o proselitismo no estrangeiro. A participação na Escola Sabatina não tem, como pré-requisito, o batismo na Igreja e a classificação de membro da Escola Sabatina indica esta característica.” (OLIVEIRA FILHO, 2004, p.165)

Em 1939, o grupo tinha nove membros batizados, quarenta interessados e conseguiram a aquisição do terreno para construção da primeira igreja em João Pessoa (NIGRI, 1939b, p. 10). Ele ficava em um ponto estratégico da cidade, em frente a uma grande lagoa, no coração da cidade (atual parque Sólon de Lucena) e logo seria construída a casa de oração.

O dinheiro para construção estava sendo adquirido através de doações e, segundo Nigri (1939b), até o governador (Argemiro de Figueiredo), por intermédio da Secretaria da Fazenda, fez doação e concedeu a isenção dos impostos de transmissão do terreno. Enquanto não se construía a igreja, o local das reuniões era ao lado da casa do Nigri na Rua Artur Aquiles, número 111.

A escola primária adventista em João Pessoa foi organizada em 1941 e na sua gestão estava a professora Joanita Castelani (NIGRI, 1941a, p. 14). A escola desempenhou um papel importante na conversão de novos membros, mas ela apresentava problemas como falta de material. Contudo, no ano seguinte, já possuía 26 alunos matriculados, mas muitas crianças possuíam gratuidade por serem de famílias pobres. Mesmo com as dificuldades e com algumas gratuidades, conseguiram fechar o caixa em 1942 com saldo positivo (CARVALHO, 1943, p.11).

Porém, em 1943 foi um ano complicado para as escolas adventistas do Nordeste. O número de crianças matriculadas aumentava, contudo não havia verba suficiente para comprar o material necessário que acompanhasse esse crescimento. Era um ano difícil: a segunda guerra mundial causava instabilidade financeira em todo o mundo. As doações estrangeiras para o desenvolvimento adventista no Brasil diminuíram, as greves também deixavam o mercado brasileiro tenso fazendo com que a quantidade arrecadada pelas igrejas locais também diminuísse.

Ataliba Abreu Neto foi designado em 1945 para ficar a frente do grupo de João Pessoa. Ele percebeu que o salão onde eram realizados os cultos era inadequado para quantidade de pessoas e ainda tinham que disputar espaço com as cadeiras da escola primária. Então, em janeiro de 1946 mudaram o local de reuniões para o salão da Sociedade União Operária, adquiriram um órgão, reanimaram a escola e fizeram uma série de conferências bíblicas no bairro do Roger, que resultou no batismo de nove pessoas (ABREU NETO, 1947a, p. 10).

Em 14 de abril de 1946, o grupo possuía 25 membros. Em novembro do mesmo ano, foi realizada outra série de conferências, mas desta vez divulgaram no Jornal “o Estado da Paraíba”. Os membros ainda estavam lutando para construir a igreja, pois os encontros eram

realizados em salões alugados, onde também eram ministradas as aulas da escola, sendo a única capital que ainda “não possuía templo próprio” (ABREU NETO, 1947b, p. 24).

A construção do templo iniciou-se em 1949 em um terreno no início da rua índio Piragibe, perto do palácio do governo, ficando pronto no primeiro semestre de 1950 (NIGRI, 1960, p. 27). Em 31 de junho do mesmo ano, foi realizada uma série de conferências que foram ministradas pelo Pastor José Baracat, Presidente da Missão Nordeste, tendo como seu auxiliar Neander Harder (HARDER, 1950, p. 12). Com isso, finalmente, tanto a igreja quanto a escola tiveram um lugar apropriado para se estabelecerem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do descrito acima, observa-se que as escolas adventistas eram uma estratégia evangelística com o objetivo duplo: proselitismo¹⁷ e manter a juventude na igreja. As escolas eram vistas como castelos onde os filhos dos adventistas poderiam estudar sem se “contaminar” com a má educação. Diante da necessidade de obreiros¹⁸, foram criadas escolas de treinamento e também se iniciou a oferta de cursos pós-secundários. Isso motivou a abertura de mais escolas primárias, a partir da década de 1940, mesmo com as dificuldades da segunda guerra mundial. Foi nesse contexto que foram fundadas as escolas primárias da Paraíba: uma em Baixa Verde (1940) e outra em João Pessoa (1941).

Percebeu-se que as escolas funcionavam no mesmo prédio em que se realizavam os cultos e eram custeadas tanto pelas mensalidades quanto pelas doações dos próprios membros, mas também recebiam verba da Missão Nordeste¹⁹. Mesmo com esses recursos financeiros as escolas passavam por dificuldades financeiras, devido à grande quantidade de bolsas de estudos e da situação política que o país e o mundo passavam no momento. A situação em algumas escolas era precária, contudo os registros mostram que elas vinham crescendo com o passar do tempo. A escola de Baixa Verde chegou a ter cerca de 120 alunos e a de João Pessoa 39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁷ Converter pessoas ao adventismo

¹⁸ Funcionários da igreja que tinha a função de trabalhar para converter pessoas.

¹⁹ Divisão administrativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia que era responsável pelas igrejas da Paraíba

Esse trabalho revela as dificuldades que a educação confessional protestante, particularmente a adventista, sofreu em sua implantação e desenvolvimento na Paraíba durante a década de 1940. Além das inseguranças políticas e econômicas do país e do mundo, existia um forte movimento antiprotestante. Tais dificuldades obrigavam o fechamento ou dificultavam o funcionamento das escolas protestantes, que muitas vezes funcionavam com recursos escassos.

Contudo, outros trabalhos poderão ser realizados com o objetivo de ampliar o campo de visão identificando e analisando similaridades e diferenças da educação de outras instituições religiosas protestantes no mesmo período estudado. Ademais, também será importante compreender o impacto sofrido pelas instituições católicas de ensino na Paraíba diante da segunda guerra mundial e do desenvolvimento da educação protestante no mesmo.

REFERÊNCIAS

ABREU NETO, Ataliba. Louvai ao Senhor porque Ele é Bom". **Revista Adventista**, Santo André, V 42, N 4 Abril, 1947a.

_____, Ataliba. Notícias de João Pessoa, Paraíba. **Revista Adventista**, Santo André, v 42, n 1, janeiro, 1947b.

ANDRADE, Izaias Barbosa de. Um herói anônimo. **Revista Adventista**, Tatuí, v 91, n 7, p. 36, jul., 1995

CARVALHO, João Fernandes de. Diga ao povo que marche. **Revista Adventista**. Santo André, v. 38, n. 3 p. 11 - 12, Mar, 1943.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. Ed, Miraflores: Difel, 2002a

_____. **À beira da falecia: a história entre certezas e inquietudes**. 1. Ed. Porto Alegre: editora UFRGS, 2002b.

GARCIA, J. G. "Pelos seus frutos o Conheceréis". **Revista Adventista**. Santo André, v 35, n 5, p. 10 - 11, maio, 1940.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de Esperança: O crescimento da Igreja Adventista na America do Sul**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HARDER, Neander. Conferências em João Pessoa, **Revista Adventista**, v45, n 12, Dezembro, 1950

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 52, n 18, p. 157 – 179. 2004

NIGRI, Moises. As Escolas do Nordeste, **Revista Adventista**, Santo André, v 36, n 6, p. 14, jun., 1941a.

_____. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v 59, n 10, p. 16-18, out., 1964a

_____. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. Santo André, v 59, n 11, p. 22-24, nov., 1964b

_____. João Pessoa e Sua Congregação. **Revista adventista**, Santo André, v 34, n 5, p.10, maio, 1939b.

_____. Notícias da Paraíba do Norte. **Revista Adventista**, Santo André, v 34, n 11, p. 10, Nov., 1939a.

_____. Pelo Norte e Nordeste – IV: Notas de Viagem. **Revista Adventista**. Santo André, v 55, n 4, p. 25 – 26, abril, 1960.

_____. Que Estão Fazendo as Escolas do Nordeste?, **Revista Adventista**, Santo André, v. 36, n. 11, p. 13, 14, Nov., 1941b.

OLSON, H. O. Do Nordeste. **Revista Adventista**. Santo André, v 35, n 10, p. 12, out., 1940.

PASSOS, José R. dos. Conferencias Publicas em João Pessoa. **Revista Adventista**, Santo André, v 32, n 11, p 8 - 9, Nov., 1937

_____. O Adventismo em João Pessoa. **Revista Adventista**. Santo André. V 33, N 11, p. 14. Nov., 1938.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

STORCH, G . S. Através da Missão Pernambucana, **Revista Mensal**, São Bernardo. V 25, N 10, p 10. Outubro, 1930.